



Apresentação

O presente dossiê não é o resultado de trabalho conjunto, previamente articulado, de um grupo de pesquisadores, mas o esforço de reunir, numa mesma publicação, informação sobre aspectos fundamentais no campo do envelhecimento, através da contribuição de pesquisadores que vêm realizando estudos e pesquisas em suas diferentes instituições e levando os resultados a encontros nacionais e internacionais, principalmente os da ANPOCS, da ABEP e, mais sistematicamente, da ABA, nos últimos anos.

A idéia da organização de um dossiê sobre gênero e velhice não deve surpreender, seja pela relevância de que já está claramente revestida a questão, seja pela contraditória escassez e, não raro, impropriedade com que é analisada no Brasil.

Por toda parte se publiciza a mudança de forma da pirâmide etária e, nela, o grande e contínuo crescimento demográfico da população idosa, acentuada uma grave preocupação com o custo social dela. Entretanto, pouco conhecidos os modos de vida dos velhos - a informação é em grande parte preconceituosa ou estereotipada; os seus movimentos coletivos - exceção do movimento de aposentados no auge da luta pelos 147%; as suas lutas por direitos sociais e cidadania; a heterogeneidade constitutiva da categoria idoso - diversidade de situações de gênero, de classe, de raça - que, por exemplo, direciona uns ao abandono e à miséria, e outros como clientela florescente de um novo mercado de consumo para a 'terceira idade'. Ou as mulheres para um sentimento maior de liberdade e otimismo que os homens.

A idéia do dossiê prende-se, então, à possibilidade de reunir uma documentação extensa e variada, ao mesmo tempo sistemática, sobre a situação atual da velhice no Brasil.

Começando com um trabalho empírico, informação fundamental - Kaizô Beltrão e Ana Camarano traçam o perfil sócio-demográfico atual da população idosa e analisam políticas a elas direcionadas.

Em seguida, Guita Grin Debert expõe fundamentos teóricos: o atual remapeamento do curso da vida, as idades como mecanismo importante na criação de atores políticos, e as novas imagens do envelhecimento.

Alda Britto da Motta discute duas questões ainda sem resposta: a da designação do objeto de estudo - são "velhos", "idosos" ou "terceira idade"? E que buscam e que encontram nos grupos "de convivência" e nos programas "para a terceira idade".

Myriam Lins de Barros trabalha a memória, uma construção social de todos, mas especialmente dos velhos, encontrando-a particularmente associada à formulação de projetos ou mudanças importantes para a localização e identidade do narrador, além de perspectivas distintas para homem e para mulher.

Clarice Peixoto conta histórias de vida de mulheres de mais de sessenta anos, identificando-as como instrumentos de reconstrução de identidade, com definições de etapas muito nítidas nas trajetórias de vida - tempos ou histórias de infância, de juventude, de casamento, de envelhecimento...

Benedita Lima Cabral reflete sobre os idosos em relação à família e encontra, em grupos de convivência, participação das mulheres em atividades de interesse pessoal, lúdico e comunitário que confrontam laços familiares estabelecidos - embora a família esteja sempre "no horizonte das conversas".

Júlio Assis Simões analisa o discurso governamental sobre a reforma da Previdência e seu impacto sobre o movimento dos aposentados e pensionistas, além da repercussão sobre o pacto intergeracional.

Cornélia Eckert fecha o círculo, estudando um tipo de evento, a festa, com o qual se faz freqüente caricatura de uma velhice "alegre". Mas o recupera em uma comunidade de mineiros aposentados, como forma de recomposição de grupo de pertencimento, de uma comunidade de trabalho.

Alda Britto da Motta